

Uma carta que não precisa ser enviada

Quanta saudade, vovô.

O peito fica apertado, pesado, como se estivesse cheio de não-sei-quê e nem mais ar parece caber nele. Daí vem uma lembrança qualquer, um cheiro qualquer, um canto empoeirado qualquer, que alivia tudo num sorriso-suspirado meio sem querer.

Não sei dizer direito o que a saudade é, mas aprendi com ela que nem todas as nossas dores são ruins.

A sua memória e os seus ensinamentos silenciosos são alicerces e fontes inesgotáveis para tranquilizar o meu caminho. E, mais tranquila e amável, igualzinha ao seu olhar, sigo a amadurecer e me transformar em alguém um pouquinho mais você. Pelo menos é nisso que gosto de acreditar.

Penso sempre no Senhor e como seria reencontrá-lo. Num mundo que gira e se transforma cada vez mais depressa, quanto eu mudei nesses anos sem o Senhor? O que me diria se nos encontrássemos? No fundo, acho que o Senhor não precisaria dizer nada. No fundo, tenho todas estas respostas dentro de mim. O Senhor esteve e está sempre aqui.

Como estava no último título do nosso São Paulo, no final do ano em que (não) nos deixou, 2012. Talvez as pessoas não vissem, mas comemoramos juntos aquele campeonato. Como talvez não vejam como nos consolamos, um ao outro, em cada derrota.

Ou no luar do sertão, que o Senhor trouxe a São Bernardo e levou a vovó para passear sobre a sua superfície por décadas. Como dizer que o Senhor não está aqui? Em todo amor que a vovó ainda carrega; em seus sete filhos, seis netos e bisnetos que seguem florescendo, sem saber, de uma "lua bonita" que vocês dividiram há mais 60 anos.

Se um dia sofri a sua ausência, hoje posso dizer que sou muito feliz. Percebo que se esta carta não precisa ser enviada, não é porque o senhor, ao partir, foi para um mundo distante, inalcançável para nós. Ela não precisará ser enviada porque para ela nasce onde o senhor se instalou e passou a viver: dentro de mim, onde todos os meus sentimentos habitam.

Beijos com amor e saudade,

Sua neta,

Fabi